



Powered by The Consumer Technology Association®

Um relatório de análise e tendências pelo Institute for Tomorrow

innovators show up



Technology as a System, Humanity as the Interface
Las Vegas, EUA
Janeiro de 2026

O Radar do Futuro

CES LAS VEGAS 2026

- 
- **Local: Las Vegas, EUA**
 - **Mais de 4.000 expositores**
 - **Representação de mais de 150 países**
 - **Forte presença de Big Techs, deep techs, startups e governos**
 - **Crescimento relevante nos pavilhões de:**
 - **Inteligência Artificial aplicada**
 - **Saúde, longevidade e bioengenharia**
 - **Energia, clima e infraestrutura**
 - **Robótica e automação física**
 - **Mobilidade e cidades inteligentes**

A tecnologia deixou de ser promessa. Ela se tornou ambiente. Invisível, contínua, estrutural. Está nas decisões que tomamos — e nas que deixamos de tomar. Opera silenciosamente nos sistemas que organizam cidades, economias, relações de consumo, saúde e trabalho.

A CES 2026 não apresenta o futuro como espetáculo. Ela o revela como infraestrutura. Um futuro que já opera, já decide, já escala. Um futuro que exige menos deslumbramento e mais responsabilidade.

Neste report, o Institute for Tomorrow propõe uma leitura sistêmica da CES 2026. Não para listar inovações, mas para compreender como tecnologia, cultura e humanidade passam a coexistir em um novo equilíbrio — ainda instável, ainda em disputa, mas irreversível.

A CES se consolida como o maior evento de convergência entre tecnologia, indústria e política pública do mundo.

Com mais de quatro mil expositores, presença de mais de 150 países e uma ocupação urbana que transforma Las Vegas em laboratório tecnológico temporário, a CES 2026 se consolida como o maior evento de convergência entre tecnologia, indústria e poder global.

O crescimento das áreas dedicadas à inteligência artificial aplicada, saúde, energia e robótica evidencia uma mudança clara de foco. A inovação apresentada não é mais periférica. Ela ocupa o centro das estratégias corporativas e governamentais.

Os números revelam escala. Mas, sobretudo, revelam intenção: tecnologia como infraestrutura crítica para o funcionamento do mundo contemporâneo.



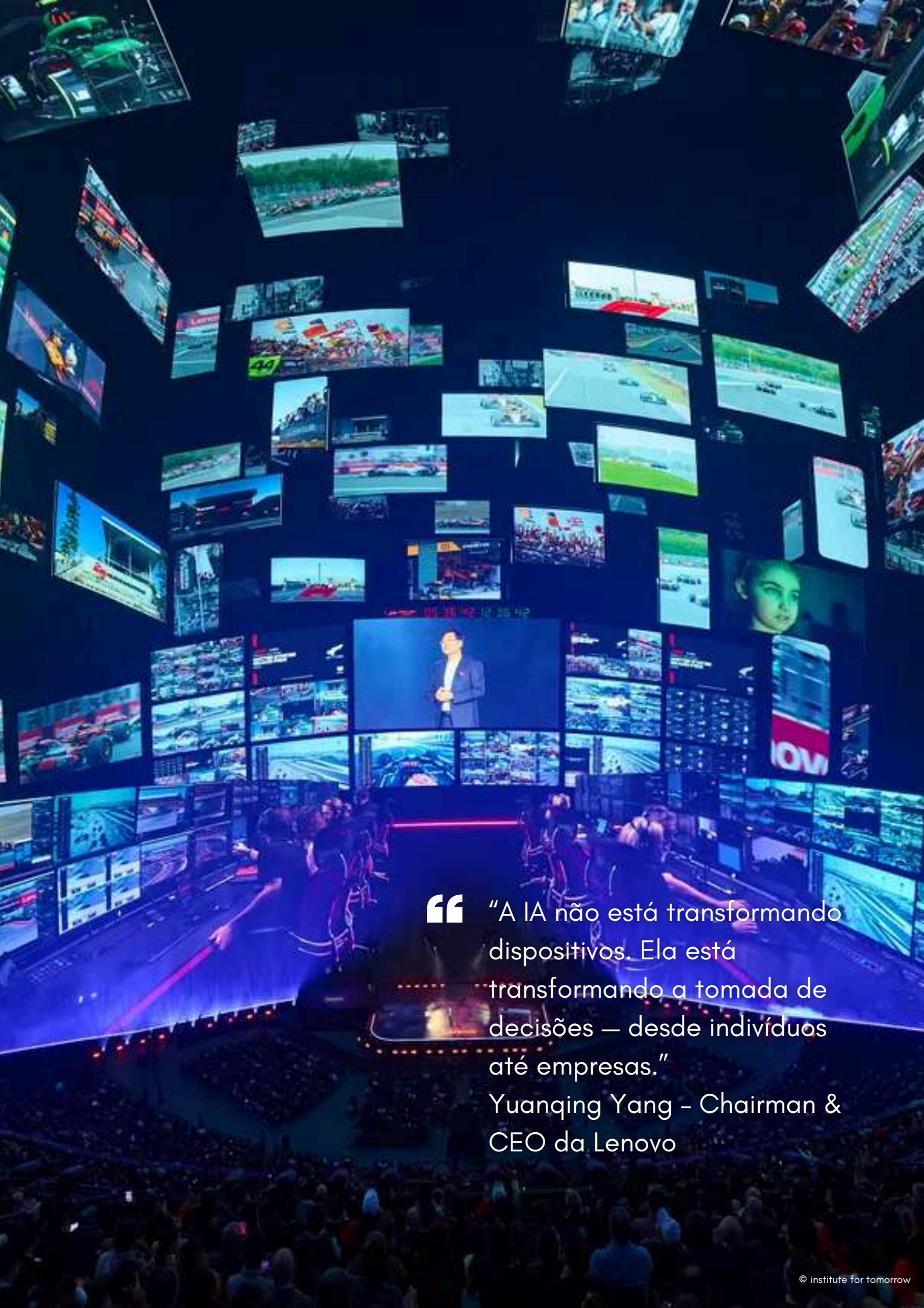
Sobre o Institute for Tomorrow

Quem somos e o que fazemos

O Institute for Tomorrow é uma organização dedicada a ajudar pessoas e empresas a navegar em futuros complexos. Acreditamos que, num mundo em constante transformação, a capacidade de antecipar, adaptar-se e construir cenários robustos não é um luxo, mas uma necessidade fundamental para a resiliência e o sucesso.

Atuamos em quatro frentes principais para capacitar líderes e equipas a transformar incerteza em oportunidade:

- **Jornadas de inovação:** Desenhamos e facilitamos programas imersivos que expõem as equipas às mais recentes tecnologias, modelos de negócio e tendências comportamentais, catalisando uma cultura de inovação interna. Onde também organizamos e lideramos missões executivas para os principais polos de inovação do mundo, proporcionando acesso direto a startups, investidores e líderes de pensamento que estão na vanguarda da transformação.
- **Consultoria de futuros:** Trabalhamos em parceria com organizações para desenvolver estratégias de futuro, utilizando metodologias de foresight estratégico, análise de tendências e construção de cenários para informar a tomada de decisão de longo prazo.
- **Produção e curadoria de conteúdo:** Produzimos relatórios de análise, como este, além de artigos, podcasts e vídeos que traduzem tendências complexas em insights claros e acionáveis para uma audiência profissional.
- **Trilhas de Educação:** Desenho de workshops, masterclasses, palestras, design sprints, metodologias job-to-be-done e produtos gamificados.



“A IA não está transformando dispositivos. Ela está transformando a tomada de decisões — desde indivíduos até empresas.”
Yuanqing Yang – Chairman & CEO da Lenovo



POR QUE A CES 2026 IMPORTA

A CES 2026 marca um ponto de inflexão silencioso, porém profundo, na trajetória da tecnologia contemporânea. Não há um único anúncio disruptivo que concentre atenções. O que se observa é algo mais complexo: a consolidação de um novo estágio civilizacional, no qual tecnologia deixa de ser ferramenta e passa a operar como sistema.

Ao longo de décadas, a CES foi sinônimo de inovação incremental, gadgets e apostas de futuro. Em 2026, essa lógica se esgota. O evento passa a refletir um mundo em reorganização acelerada, onde inteligência artificial, energia, saúde, mobilidade e consumo aparecem como partes de um mesmo organismo. A tecnologia apresentada já não pergunta “o que é possível?”, mas “o que é sustentável, escalável e governável?”.

Essa mudança altera profundamente o papel do evento. A CES deixa de ser apenas uma vitrine e se torna um espaço de validação sistêmica. Soluções chegam prontas para operar, não apenas para impressionar.

Mais do que tendências, a CES 2026 explicita tensões: entre automação e trabalho, eficiência e desigualdade, autonomia humana e decisão algorítmica. Ela não oferece respostas fáceis, mas deixa claro que o futuro já não pode ser adiado. Para o Institute for Tomorrow, a CES 2026 deve ser lida como um ensaio geral do presente ampliado — um território onde escolhas tecnológicas se transformam em escolhas culturais, econômicas e políticas.

A CES se consolida como o maior evento de convergência entre tecnologia, indústria e política pública do mundo.

Com mais de quatro mil expositores, presença de mais de 150 países e uma ocupação urbana que transforma Las Vegas em laboratório tecnológico temporário, a CES 2026 se consolida como o maior evento de convergência entre tecnologia, indústria e poder global.

O crescimento das áreas dedicadas à inteligência artificial aplicada, saúde, energia e robótica evidencia uma mudança clara de foco. A inovação apresentada não é mais periférica. Ela ocupa o centro das estratégias corporativas e governamentais.

Os números revelam escala. Mas, sobretudo, revelam intenção: tecnologia como infraestrutura crítica para o funcionamento do mundo contemporâneo.

Os dados impressionam, mas não contam toda a história. O verdadeiro impacto da CES 2026 está na forma como as tecnologias se articulam entre si. Não há ilhas de inovação. Há sistemas interdependentes.

Empresas não apresentam produtos isolados, mas arquiteturas completas. Governos observam não apenas oportunidades econômicas, mas riscos sistêmicos. Investidores analisam viabilidade de longo prazo, não apenas disrupção imediata.

A CES se transforma, assim, em um espaço de negociação simbólica sobre o futuro — onde o que está em jogo não é apenas competitividade, mas governança.





Metodologia:

Como Organizamos Este Relatório

A CES não se apresenta como um evento que se deixa ler em linha reta. É um organismo vivo, fragmentado, simultâneo — onde anúncios globais, demonstrações tecnológicas, discursos institucionais e experimentações de fronteira acontecem ao mesmo tempo, em diferentes camadas e velocidades. Tentar capturá-la apenas pela ordem da agenda seria reduzir a sua complexidade.

Este relatório nasce justamente do esforço de organizar o ruído sem simplificar o significado.

Em vez de seguir uma lógica cronológica, optámos por uma leitura curatorial e interpretativa. Observámos a CES 2026 como um sistema: cruzando keynotes, painéis estratégicos, lançamentos, conversas de bastidores e sinais emergentes para identificar padrões recorrentes, tensões estruturais e mudanças de direção que atravessam setores, indústrias e geografias.

A partir dessa leitura, estruturámos o conteúdo em oito grandes blocos temáticos. Cada um deles representa uma força de transformação que se manifesta de forma consistente ao longo do evento — não como tendência isolada, mas como vetor capaz de redesenhar modelos de negócio, cadeias de valor, experiências de consumo e relações entre tecnologia e sociedade.

A partir dessa leitura, estruturámos o conteúdo em oito grandes blocos temáticos. Cada um deles representa uma força de transformação que se manifesta de forma consistente ao longo do evento — não como tendência isolada, mas como vetor capaz de redesenhar modelos de negócio, cadeias de valor, experiências de consumo e relações entre tecnologia e sociedade.

Esses blocos funcionam como capítulos independentes. Não exigem uma leitura sequencial. Pelo contrário: foram pensados para permitir que o leitor navegue de acordo com suas próprias perguntas estratégicas, aprofundando-se nos temas mais relevantes para o seu contexto organizacional.

Em cada capítulo, combinamos contexto, análise crítica e interpretação prospectiva. Mais do que relatar o que foi dito ou lançado, buscamos responder a uma pergunta central: o que tudo isso revela sobre o futuro que começa a tomar forma?

É a partir desse olhar que convidamos você a entrar no primeiro eixo estruturante da CES 2026 — um tema que atravessou discursos, produtos e narrativas de forma transversal: a consolidação da inteligência artificial como camada invisível de infraestrutura e a emergência dos sistemas agentivos como novo paradigma para operar, decidir e escalar na próxima década.

DE PRODUTOS PARA SISTEMAS

“

“A verdadeira
inovação não está
mais no produto —
está no sistema por
trás dele.”



JENSEN HUANG - CEO DA NVIDIA

DE PRODUTOS PARA SISTEMAS

De produtos para sistemas
De gadgets para infraestruturas
De inovação para governança
tecnológica

A CES 2026 marca a saída definitiva da lógica de “novidades” para a lógica de plataformas sistêmicas. O foco deixa de ser o dispositivo e passa a ser o ecossistema operacional.

- IA não aparece mais como feature
- Robótica não aparece mais como espetáculo
- Energia não aparece mais como discurso ESG

Tudo passa a ser apresentado como camadas estruturais de operação do mundo real.

Uma das mudanças mais evidentes da CES 2026 é a substituição da lógica de produto pela lógica de sistema. O valor não está mais no dispositivo, mas na rede de relações que ele ativa.

Essa transição exige maturidade tecnológica, mas também responsabilidade cultural. Quando sistemas falham, o impacto não é localizado — ele é coletivo.





Ao assumir papel estrutural, a tecnologia passa a moldar comportamentos, ritmos de vida e relações sociais. Ela organiza fluxos, define prioridades e estabelece limites invisíveis.

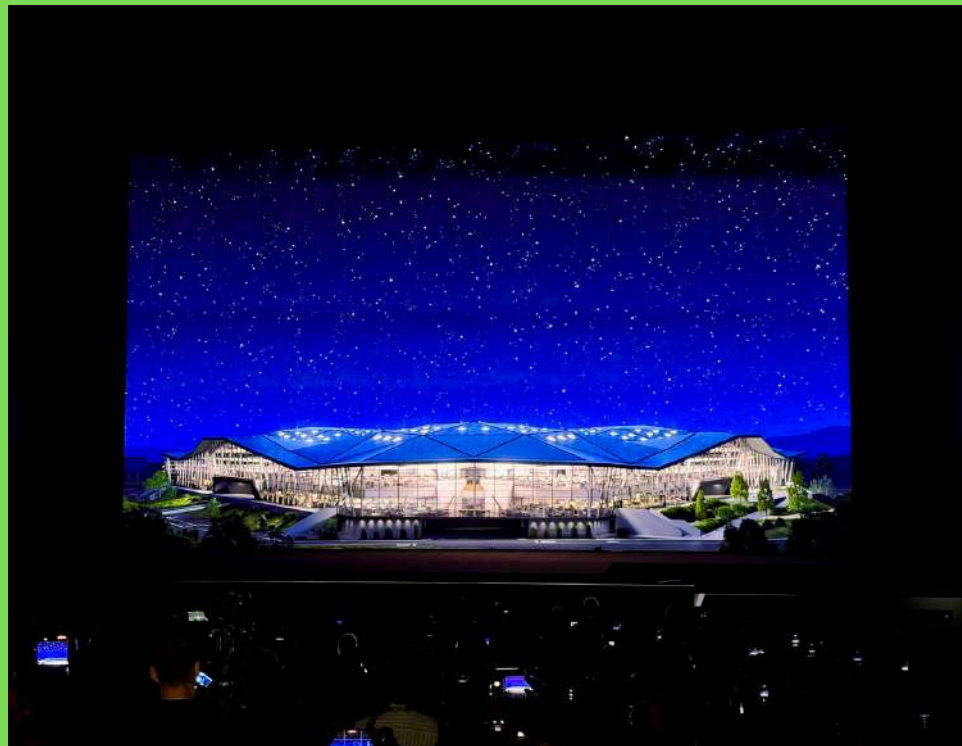
Na CES 2026, fica evidente que inovar não é apenas criar algo novo, mas sustentar algo em escala sem colapsar a sociedade. A tecnologia deixa de ser neutra. Ela carrega valores, decisões e vieses. O desafio passa a ser menos técnico e mais ético.

O NOVO PAPEL DAS EMPRESAS DE TECNOLOGIA

As empresas de tecnologia chegam à CES 2026 com um discurso mais contido. Menos promessas futuristas, mais foco em execução, integração e impacto real.

Ao se posicionarem como operadoras de sistemas essenciais, essas empresas assumem também um papel político. Suas decisões influenciam economias, democracias e relações de poder.

A CES evidencia: não existe mais Big Tech fora do debate público.



IA: DO HYPE À OPERAÇÃO

A inteligência artificial atravessa toda a CES 2026 como um consenso silencioso: ela saiu do piloto. Não se discute mais se a IA funciona, mas como ela será integrada a processos críticos.

Empresas apresentam soluções já implementadas em cadeias produtivas, saúde, finanças e logística. A IA deixa de ser promessa de eficiência e passa a ser mecanismo real de coordenação.

O risco agora não é falhar na adoção, mas falhar na governança.

A IA sai do piloto

Um dos consensos mais fortes do evento é que a IA ultrapassou a fase de testes. Em 2026, ela entra oficialmente na fase de execução crítica, assumindo funções que impactam diretamente receita, segurança, saúde, consumo e decisão.

Destaques observados:

- IA como sistema operacional (Agentic AI)
 - IA negociando, comprando, planejando e executando
 - IA integrada a hardware, sensores e robótica
 - IA como mediadora da experiência humana
-

A IA deixa de ser ferramenta de produtividade e passa a ser ator econômico e cognitivo.

IA COMO COORDENADOR A DE SISTEMAS



YUANQING YANG, CHAIRMAN & CEO DA LENOVO

Na CES 2026, a IA aparece como cérebro operacional de sistemas complexos. Ela planeja, executa, aprende e corrige em tempo real.

Menos interface, mais autonomia. Menos comando humano direto, mais supervisão estratégica. Essa mudança redefine o papel do gestor, do operador e do decisor.

A inteligência deixa de estar apenas nas pessoas — ela se distribui pelos sistemas.

Quando sistemas passam a decidir, a economia muda de natureza. A decisão deixa de ser evento pontual e passa a ser fluxo contínuo.

IA negocia preços, aloca recursos, antecipa riscos e sugere caminhos. O humano deixa de escolher tudo e passa a validar, corrigir e orientar.

Essa economia da decisão assistida redefine poder, responsabilidade e confiança.

AGENTIC AI: SISTEMAS QUE AGEM

O conceito de Agentic AI ganha protagonismo absoluto. Não se trata mais de sistemas reativos, mas de agentes que atuam de forma autônoma.

Eles negociam, coordenam e executam tarefas complexas em nome de indivíduos ou organizações. São eficientes, escaláveis e incansáveis.

Mas também levantam a pergunta central da CES 2026: até onde delegar?

A CES 2026 reforça a ascensão dos sistemas agentivos, capazes de:

- Tomar decisões
- Coordenar tarefas
- Negociar entre sistemas
- Aprender em tempo real
- Atuar sem intervenção humana constante

Esse movimento redefine:

- Cadeias de valor
- Modelos de trabalho
- Interfaces de consumo
- Estruturas de governança

Provocação:

Quem responde quando um sistema decide errado?

O sinal: “agentes” deixaram o laboratório e entraram em marketing, varejo, mídia e device. A cobertura de indústria descreve agentic AI como camada operacional para agências; e roundups citam sistemas para compra e negociação entre agentes (AgenticOS).

Por que importa: a próxima interface é comportamental. O usuário delega objetivos. O sistema executa. Para marcas, isso muda a competição: não basta ser encontrado — é preciso ser selecionável por um agente.

Implicações 2026

- Revisar arquitetura de dados para alimentar decisões automatizadas.
- Criar “políticas de marca interpretáveis por máquinas” (preço, elegibilidade, risco, sustentabilidade).
- Preparar comércio e mídia para negociação automatizada (estoque, entrega, fidelidade, inventory).



A portrait of Jay Patisall, a middle-aged man with a receding hairline, smiling slightly. He is wearing a dark blue blazer over a light blue shirt with small white polka dots. The background is a soft, out-of-focus light beige. The image is framed by a thick cyan border.

“

“Essas plataformas representam uma aplicação prática da IA. Aprendizado de máquina definindo públicos e extraíndo insights, IA generativa produzindo conteúdo e, agora, camadas de agentes atuando sobre elas para executar fluxos de trabalho. Do planejamento de mídia ao briefing e à produção, tudo se resume a velocidade e coordenação.”

JAY PATTISALL, VICE-PRESIDENT AND PRINCIPAL ANALYST AT FORRESTER RESEARCH

DELEGAR DECISÕES ÀS MÁQUINAS

Delegar decisões não é apenas questão técnica. É questão cultural. Envolve confiança, risco e renúncia de controle.

A CES 2026 mostra que muitas organizações já cruzaram esse limiar. A questão agora não é se isso acontecerá, mas como será regulado, auditado e compreendido.

A autonomia algorítmica exige maturidade institucional.



"Ninguém pode evitar a IA – mas a IA não substituirá os humanos, apenas fortalecerá cada um de nós no futuro."

YUANQING YANG, CHAIRMAN & CEO DA LENOVO

"A regulamentação da IA deve ocorrer em nível federal... um padrão nacional único é a única maneira de os Estados Unidos se manterem na corrida da IA."

GARY SHAPIRO, CEO & VICE CHAIR DA CONSUMER TECHNOLOGY ASSOCIATION



QUEM RESPONDE QUANDO A IA DECIDE?

A autonomia dos sistemas expõe um vazio jurídico e ético. Quem responde por uma decisão errada? O programador? A empresa? O usuário? O sistema?

A CES 2026 não responde, mas explicita a urgência do debate. Governança algorítmica deixa de ser pauta futura e se torna necessidade imediata.

INSIGHT-CHAVE | INSTITUTE FOR TOMORROW

A inteligência artificial não é apenas uma tecnologia. É uma nova camada de poder decisório. Organizações que não desenvolverem critérios claros de governança, ética e supervisão perderão controle — mesmo sendo eficientes. O futuro não pertence a quem adota IA primeiro, mas a quem a integra com responsabilidade.



ROBÓTICA NA CES 2026



CLOID, ROBÔ PARA USO DOMÉSTICO DA LG

Humanoides, automação e o debate da utilidade

Os robôs humanoides chamam atenção, mas também geram ceticismo. A CES 2026 expõe uma divisão clara:

- Robôs como **símbolo de investimento e narrativa**
- Robôs como **infraestrutura funcional** (logística, saúde, indústria)

Especialistas questionam:

- Custo vs. utilidade
- Escalabilidade
- Segurança
- Impacto social

A robótica só se torna relevante quando deixa de imitar humanos e passa a **resolver problemas reais**.

A robótica ocupa um espaço central na CES 2026, tanto em visibilidade quanto em debate. Robôs humanoides atraem atenção imediata, geram filas, vídeos virais e investimentos. Mas, por trás do espetáculo, emerge uma discussão mais pragmática: qual é a real utilidade desses sistemas no curto e médio prazo?

A CES deixa claro que a robótica vive uma bifurcação. De um lado, o teatro tecnológico que encanta investidores. Do outro, soluções silenciosas que já operam em cadeias produtivas, hospitais e centros logísticos.

O TEATRO DOS HUMANOIDES

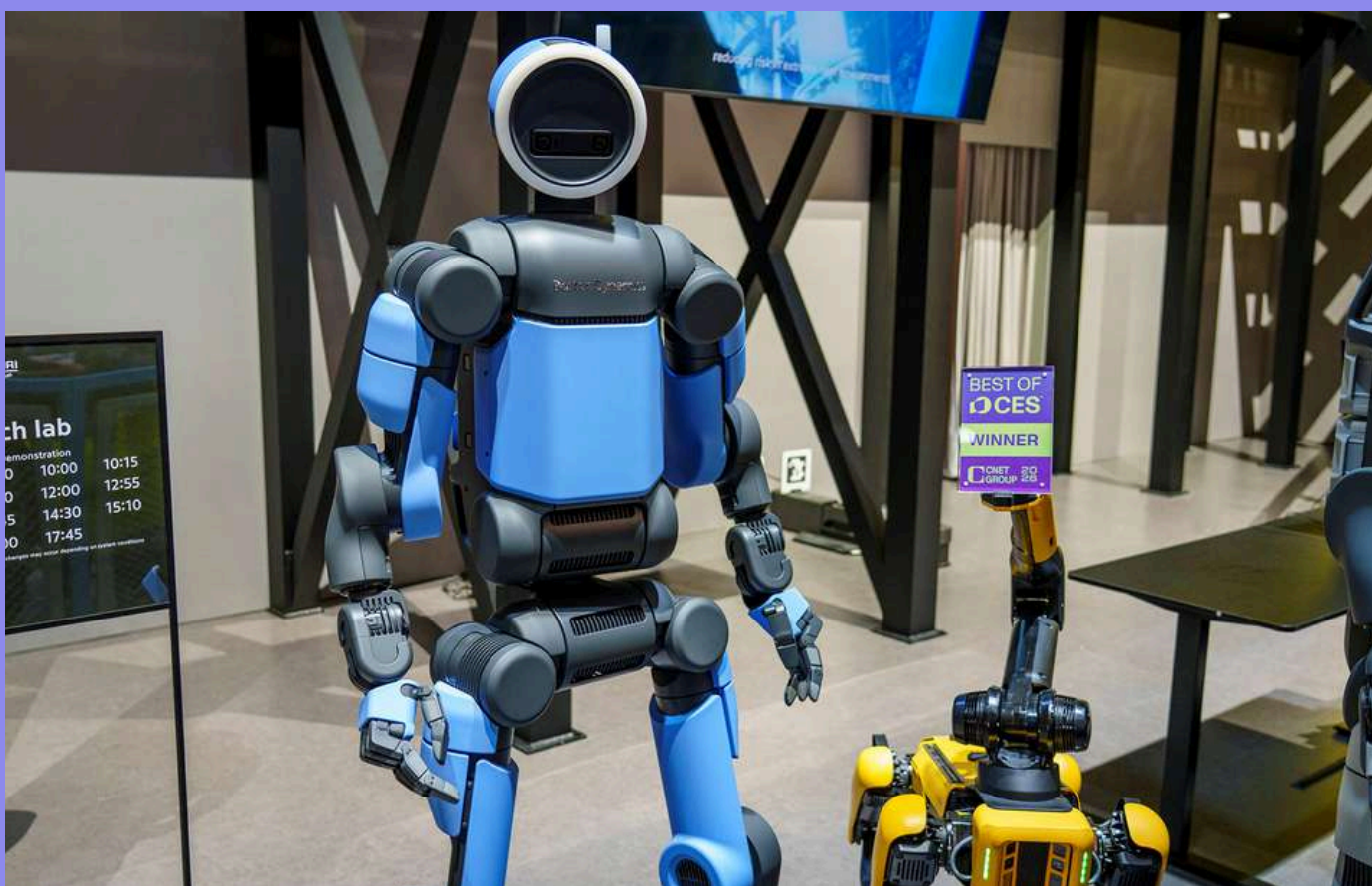


Os robôs humanoides simbolizam o imaginário coletivo sobre o futuro. Eles materializam a fantasia da substituição humana e da convivência com máquinas semelhantes a nós.

No entanto, especialistas alertam para custos elevados, baixa eficiência e desafios de escala. A CES 2026 expõe esse paradoxo: quanto mais humano o robô, menos funcional ele tende a ser no mundo real. O fascínio estético nem sempre se traduz em impacto operacional.

ROBÓTICA: UTILIDADE VS ESPETÁCULO (E O RISCO DA ESCALA)

A ausência/indefinição de Ballie é um bom símbolo do gap “demo vs escala”.

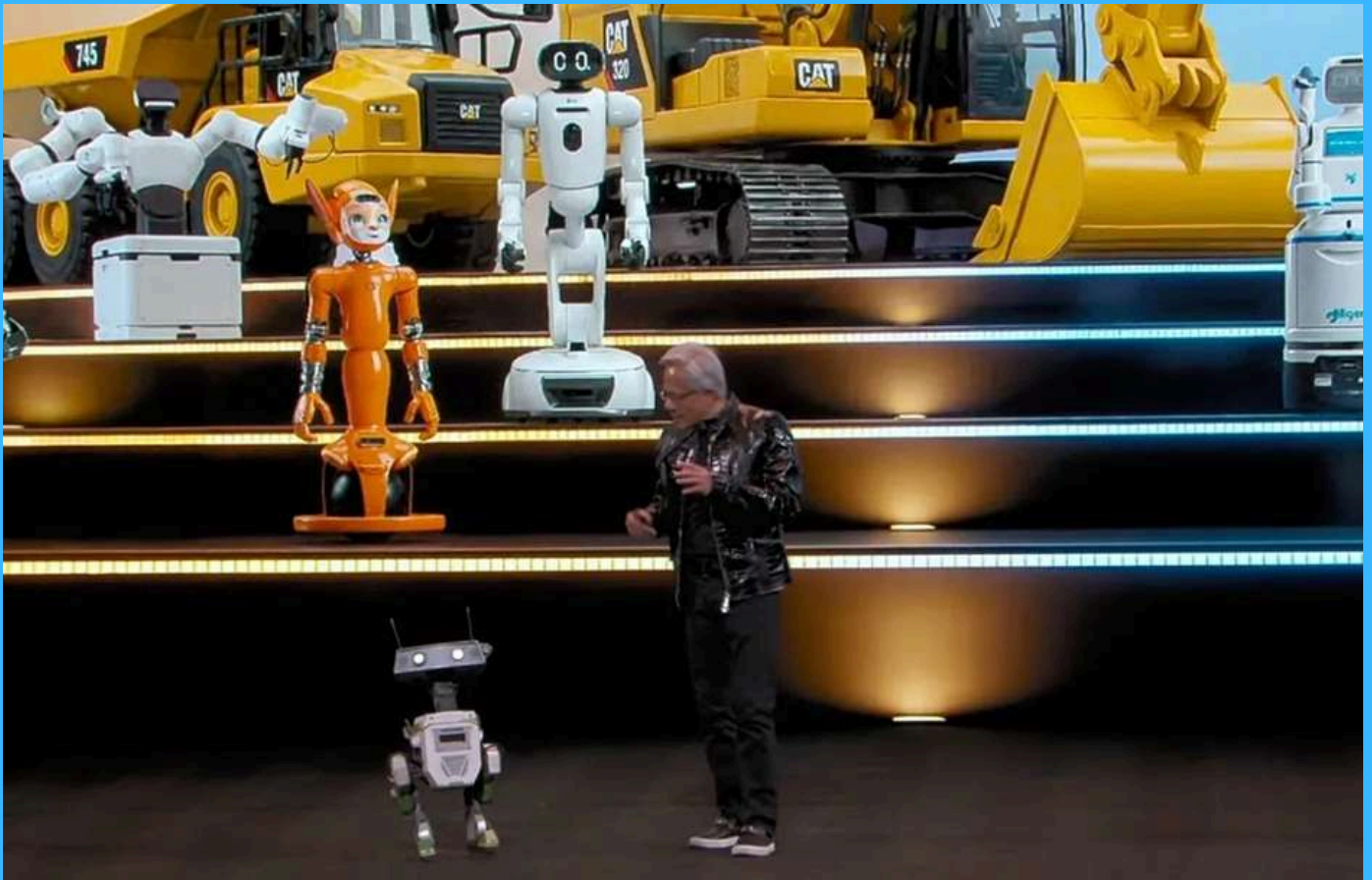


DO ESPETÁCULO À FUNÇÃO

A maturidade da robótica passa pela renúncia ao espetáculo. O verdadeiro valor está na resolução de problemas concretos, não na imitação do comportamento humano.

Empresas que compreendem essa lógica avançam mais rápido. Elas priorizam retorno sobre investimento, confiabilidade e integração sistêmica.

A robótica deixa de ser promessa futurista e passa a ser infraestrutura produtiva.



A ROBÓTICA QUE REALMENTE IMPORTA

Enquanto os holofotes se concentram nos humanoides, a transformação real acontece nos bastidores. Robôs industriais, autônomos e especializados ganham espaço em logística, manufatura, saúde e serviços essenciais.

São máquinas menos carismáticas, mas altamente eficientes. Elas reduzem custos, aumentam segurança e operam em ambientes hostis ou repetitivos.

A CES 2026 mostra que o futuro da robótica é funcional, não performático.

O RETORNO DO HARDWARE

Após anos de domínio do software, a CES 2026 marca o retorno estratégico do hardware. Mas não se trata de um retorno nostálgico.

O hardware agora nasce integrado à inteligência artificial.

Sensores, dispositivos vestíveis e ambientes inteligentes tornam-se capazes de interpretar contextos, aprender padrões e responder em tempo real.

O físico volta ao centro, agora com inteligência embarcada.

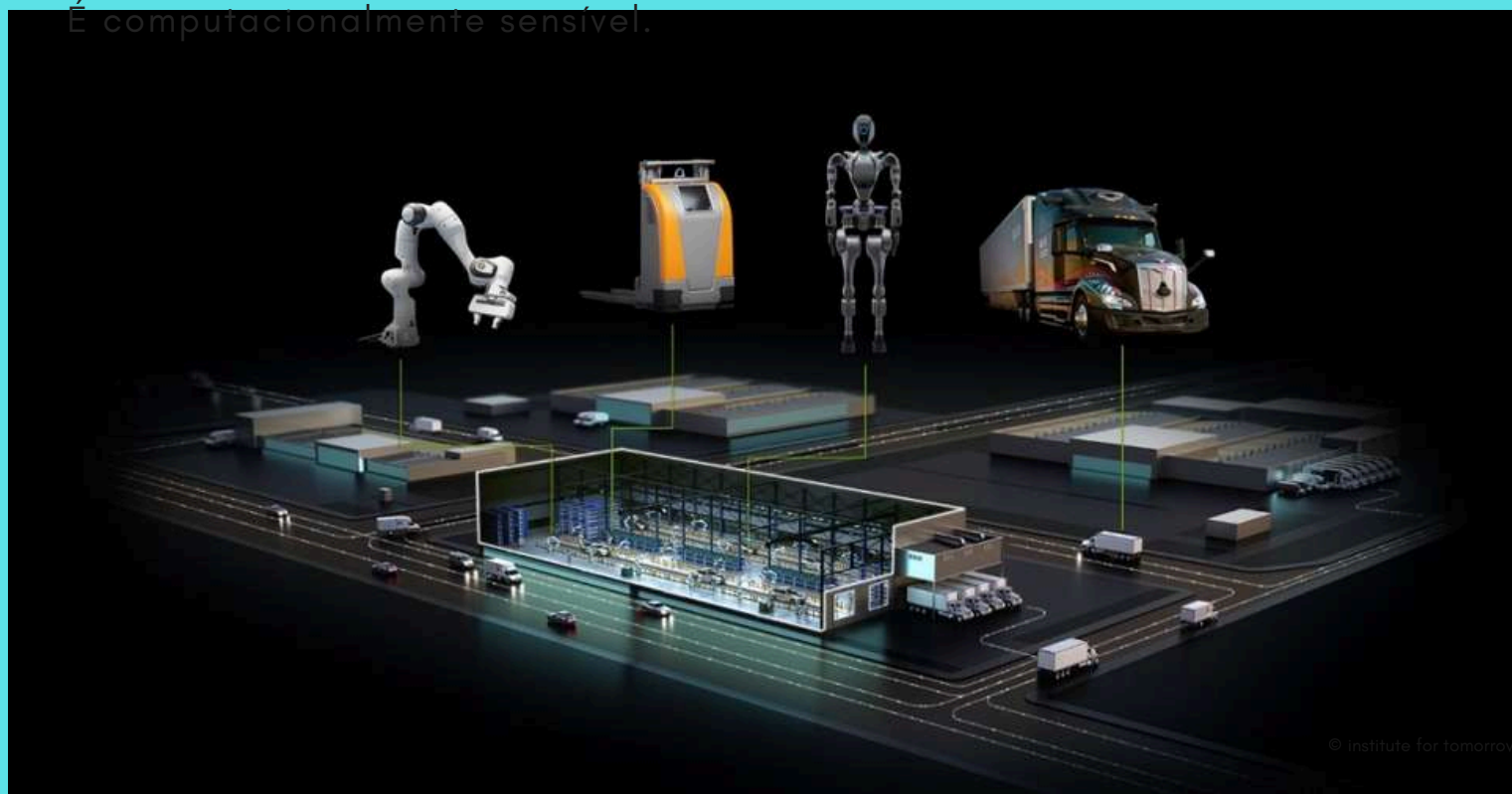
A CES 2026 mostra que o hardware voltou ao centro da inovação, agora:

- Conectado à IA
- Capaz de aprender
- Integrado a sensores biológicos, ambientais e comportamentais

Exemplos:

- Wearables de saúde contínua
- Dispositivos de cuidado personalizado
- Interfaces cérebro-máquina em estágios iniciais
- Ambientes responsivos
- O futuro não é digital ou físico.

É computacionalmente sensível.



O MUNDO FÍSICO COMPUTACIONAL

A convergência entre hardware e IA transforma o mundo físico em um ambiente computacionalmente legível. Corpos, casas, cidades e objetos passam a gerar dados continuamente.

Essa transformação dissolve a fronteira entre digital e físico. A tecnologia deixa de ser algo que acessamos e passa a ser algo que nos envolve.

O cotidiano se torna responsivo, adaptativo e monitorado.



SAÚDE COMO FRONTEIRA ESTRATÉGICA

A saúde emerge na CES 2026 como um dos territórios mais estratégicos da inovação tecnológica. Não apenas pelo volume de soluções apresentadas, mas pela centralidade cultural que o tema assume.

Viver mais, melhor e com autonomia torna-se prioridade econômica e social. A tecnologia aparece como mediadora desse novo pacto com o corpo.

A saúde deixa de ser setor e passa a ser ecossistema.

A saúde deixa de ser reativa e passa a ser:

- Preventiva
- Contínua
- Personalizada
- Data-driven

Destaques:

- Diagnósticos antecipados com IA
- Terapias baseadas em dados em tempo real
- Beleza, saúde e bem-estar convergindo
- Tecnologia como extensão do corpo
- A saúde se transforma no maior mercado de tecnologia da próxima década.



DA MEDICINA REATIVA À PREVENTIVA

A CES 2026 evidencia uma mudança de paradigma na medicina. O foco desloca-se do tratamento da doença para a antecipação do risco.

Sensores, algoritmos e análise contínua de dados permitem diagnósticos precoces e intervenções personalizadas. A lógica hospitalar cede espaço à lógica preventiva.

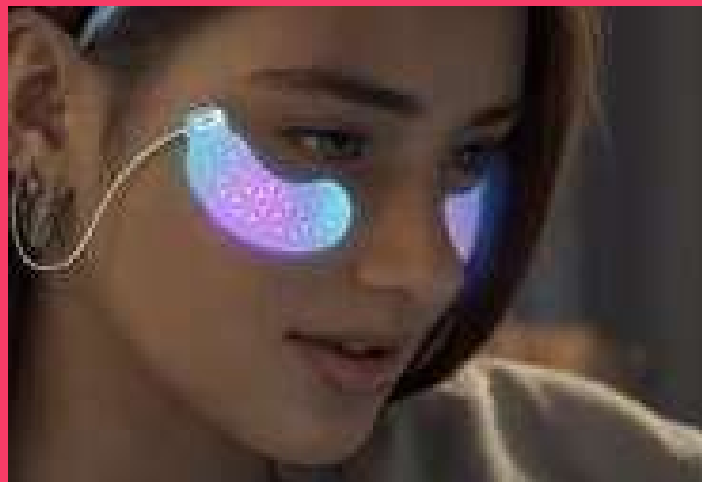
Cuidar passa a ser um processo contínuo, não episódico.

CONVERGÊNCIA: SAÚDE, BELEZA E BEM-ESTAR

Outro movimento claro é a convergência entre saúde, beleza e bem-estar. O corpo passa a ser entendido como sistema integrado, onde estética, performance e longevidade se cruzam.

Empresas de tecnologia, cosmética e saúde compartilham o mesmo território. Dados tornam-se o principal ativo desse novo mercado híbrido.

O cuidado com o corpo se torna experiência tecnológica.



TECNOLOGIA COMO EXTENSÃO DO CORPO

Na CES 2026, a tecnologia deixa de ser externa ao corpo humano. Wearables, implantes e sensores atuam como extensões sensoriais e cognitivas.

Essa incorporação levanta questões profundas sobre privacidade, identidade e autonomia. O corpo torna-se interface.

A bioengenharia deixa de ser exceção e passa a ser horizonte plausível.



A SAÚDE COMO O MAIOR MERCADO DA DÉCADA

A combinação entre envelhecimento populacional, dados e IA transforma a saúde no maior mercado tecnológico da próxima década.

Mais do que inovação, trata-se de sustentabilidade social. Sistemas de saúde precisam ser eficientes, preventivos e escaláveis.

A CES 2026 deixa claro: o futuro da tecnologia passa pelo corpo humano.



ENERGIA: A BASE INVISÍVEL DA IA

Poucos temas são tão críticos e tão invisíveis quanto a energia. A CES 2026 trata energia como pré-condição absoluta para o avanço da inteligência artificial.

Data centers, sistemas autônomos e mobilidade elétrica exigem volumes crescentes de energia confiável. Sem ela, a inovação colapsa.

A energia deixa de ser pano de fundo e se torna protagonista silenciosa.

A CES 2026 trata energia não como pauta ambiental, mas como:

- Segurança nacional
- Competitividade econômica
- Condição para IA, data centers e mobilidade

Destaques:

- Redes inteligentes
- Eficiência energética
- Energia descentralizada
- Infraestrutura invisível, porém crítica

Sem energia, não há IA. Sem IA, não há escala.

ENERGIA COMO ATIVO ESTRATÉGICO

A discussão energética migra do campo ambiental para o campo econômico e geopolítico. Garantir energia é garantir competitividade.

Redes inteligentes, descentralização e eficiência passam a ser prioridades estratégicas. Países e empresas disputam infraestrutura energética como vantagem comparativa.

Não existe soberania digital sem soberania energética.





MOBILIDADE ALÉM DO VEÍCULO

Na CES 2026, mobilidade não se resume a carros. O foco desloca-se para sistemas de fluxo urbano integrados a dados e energia.

O objetivo não é apenas mover pessoas, mas otimizar tempo, reduzir fricção e melhorar a experiência urbana.

A mobilidade torna-se serviço sistêmico, não produto.

A mobilidade aparece integrada a:

- Dados
- Energia
- IA
- Planejamento urbano

Menos foco em veículos, mais foco em:

- Sistemas de fluxo
- Otimização urbana
- Redução de fricção
- Experiência do cidadão

CIDADES COMO PLATAFORMAS

Cidades inteligentes deixam de ser conceito futurista e passam a ser necessidade operacional. Dados orientam planejamento, serviços e políticas públicas.

A tecnologia atua como mediadora da vida urbana, conectando cidadãos, infraestrutura e gestão.

A cidade torna-se plataforma viva.



INFRAESTRUTURA INVISÍVEL



Grande parte do futuro opera fora do campo de visão. Redes, sensores, sistemas e protocolos sustentam experiências sem aparecer.

A CES 2026 evidencia que a vantagem competitiva estará na qualidade dessa infraestrutura invisível.

O que não se vê é o que mais importa.

SÍNTESE: ENERGIA, MOBILIDADE E CIDADES

Energia, mobilidade e cidades formam um sistema interdependente. Nenhuma tecnologia opera isoladamente.

A CES 2026 revela que pensar o futuro exige visão sistêmica. Soluções fragmentadas geram colapsos.

O desafio é integração, não inovação isolada.



O NOVO CONSUMO MEDIADO POR IA



BALLIE INTEGRADO AO SMARTTHINGS E À AI HOME - SAMSUNG

O consumo apresentado na CES 2026 é profundamente mediado por inteligência artificial. A jornada deixa de ser linear e passa a ser assistida.

Sistemas interpretam contexto, desejo e restrições, sugerindo decisões mais eficientes.

O consumidor não quer mais escolher tudo. Quer decidir melhor.

A CES dialoga diretamente com os aprendizados da NRF 2026:

- Jornadas não-lineares
- Compra mediada por IA
- Menos busca, mais decisão assistida
- Consumo como experiência contínua

Insight:

O consumidor não quer escolher. Quer **decidir melhor**.

TECNOLOGIA COMO FORÇA DE TRANSFORMAÇÃO DO CONSUMO

A CES 2026 deixa claro que o consumo não está sendo apenas digitalizado — ele está sendo reprogramado. A relação entre pessoas, marcas e produtos passa a ser mediada por sistemas inteligentes que antecipam desejos, reduzem fricção e reorganizam a jornada de decisão.

Não se trata de novas telas ou novos canais, mas de novos intermediários invisíveis. A tecnologia assume o papel de curadora, negociadora e, em muitos casos, decisora. O consumo deixa de ser uma sequência de escolhas conscientes e passa a ser um fluxo assistido, contextual e adaptativo.

Essa mudança redefine profundamente marketing, varejo, branding e experiência.

NVIDIA Omniverse With Cosmos Physical AI Digital Twin Operating System



NVIDIA Omniverse



Cosmos

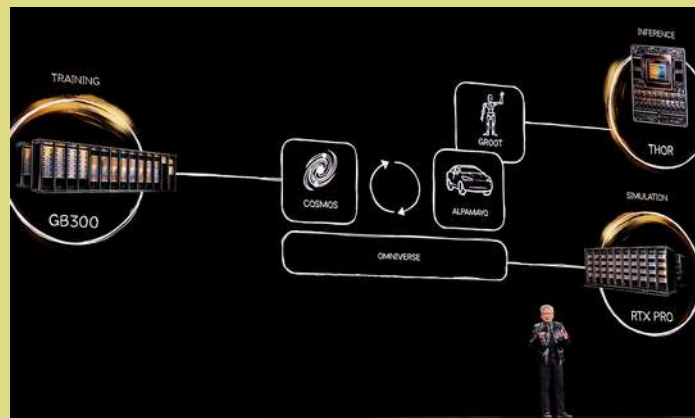


1. Agent Experience Design (AXD)

A experiência deixa de ser desenhada apenas para humanos e passa a considerar agentes de IA como usuários ativos do sistema. Interfaces, fluxos e decisões agora precisam ser legíveis, negociáveis e auditáveis também por máquinas. UX evolui para System Experience.

2. Protocolos de Transação entre Máquinas

Valor começa a ser negociado sem intervenção humana direta. Agentes trocam dados, serviços e recursos de forma autônoma, redefinindo precificação, contratos e velocidade de decisão. O mercado passa a operar em tempo algorítmico.



Institute for Tomorrow | The Experience Stack 2026: Top 10 Camadas que Moldam Decisão e Consumo



1. Inteligência Ambiental Multi-dispositivo

A continuidade se torna o produto. Soluções como o Qira, da Lenovo, mostram que a experiência não vive mais em um device, mas no ambiente como um todo. Contexto, presença e intenção substituem sessões e logins.

Institute for Tomorrow | The Experience Stack 2026: Top 10 Camadas que Moldam Decisão e Consumo



4. AI PC Corporativo como Cofre de Contexto

O computador deixa de ser apenas uma ferramenta de execução e passa a funcionar como repositório soberano de contexto pessoal e profissional. O AI PC aprende com o usuário, preserva histórico local e se torna peça-chave na governança de dados e da IA no trabalho.

5. Robótica como Serviço (RaaS)

Robôs deixam de ser ativos fixos e passam a operar como serviços contratados, com SLA, manutenção e responsabilidade bem definidos. Empresas como a Samsung mostram que robótica entra definitivamente na lógica de plataforma e recorrência.



6. Home-as-a-Platform

A casa deixa de ser um conjunto de dispositivos e se transforma em uma plataforma viva de serviços contínuos. Energia, segurança, cuidados, entretenimento e consumo passam a ser orquestrados por sistemas inteligentes, criando novos modelos de receita e relacionamento.

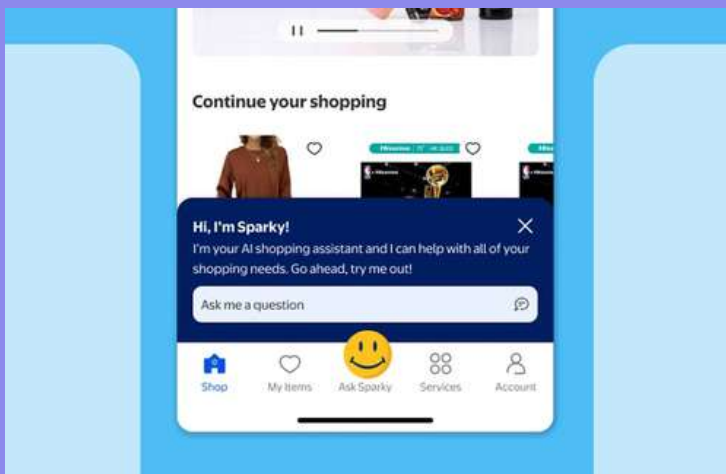


7. Display como Interface de Confiança

Em um mundo automatizado, telas não servem apenas para mostrar informações, mas para explicar decisões, pedir consentimento e construir confiança. O display vira mediador ético entre sistemas inteligentes e pessoas.

8. Beauty Tech como Consumer Health

A fronteira entre beleza e saúde se dissolve. Tecnologias de diagnóstico, prevenção e cuidado contínuo posicionam o autocuidado como parte da saúde do consumidor, não apenas da estética. Beleza passa a operar como infraestrutura de bem-estar.

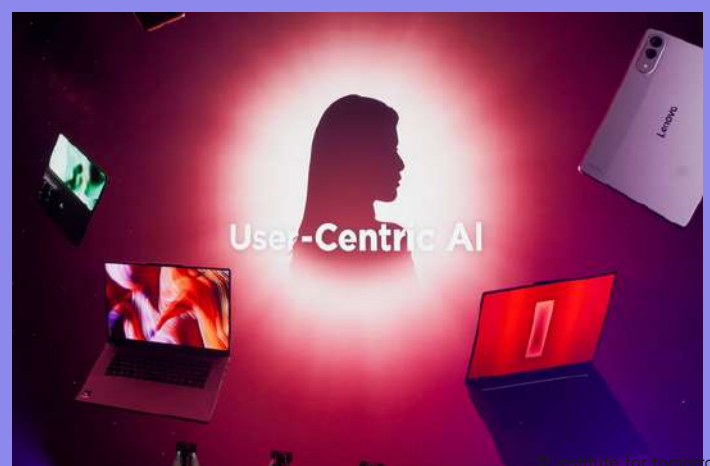


9. Retail Media + Criatividade Modular Automatizada

Campanhas deixam de ser criadas peça a peça e passam a ser montadas dinamicamente por IA. Plataformas de retail media combinam dados, contexto e módulos criativos em escala, acelerando a automação em players como Walmart e Reddit.

10. Privacidade como Diferencial Competitivo

Privacidade deixa de ser apenas obrigação legal e se torna vantagem estratégica. Logs, auditoria, controles locais e transparência passam a ser atributos de marca. A inteligência ambiental, como no Qira, eleva o debate sobre consentimento contínuo, não pontual.



Takeaways

UM SISTEMA, NÃO UMA LISTA

Nenhuma dessas tendências atua isoladamente. Elas se reforçam, se tensionam e se retroalimentam.

Compreender o futuro exige abandonar listas e adotar sistemas.

O pensamento fragmentado se torna obsoleto.



DA JORNADA À DECISÃO ASSISTIDA

A primeira grande inovação que impacta o consumo é a transição da jornada tradicional para a decisão assistida por IA. Plataformas deixam de apenas exibir opções e passam a recomendar caminhos completos: o que comprar, quando comprar e em que condições.

A segunda inovação é a curadoria algorítmica contextual. O excesso de opções dá lugar à relevância. Sistemas aprendem preferências, restrições financeiras, valores e até estados emocionais para sugerir escolhas mais alinhadas.

A terceira é o fim da busca como centro do consumo. Procurar ativamente produtos se torna exceção. O consumo passa a acontecer por antecipação, sugestão e automação.

Takeaways

EXPERIÊNCIA, COMÉRCIO E AUTOMAÇÃO

A quarta inovação é a integração total entre conteúdo, comércio e experiência. A distinção entre inspiração e transação desaparece. Consumir conteúdo já é consumir produtos.

A quinta é o avanço do agentic commerce: agentes de IA negociam preços, aplicam cupons, escolhem meios de pagamento e otimizam compras em nome do consumidor.

A sexta é a automação da recompra e da fidelização. O consumo recorrente deixa de exigir decisão humana. Sistemas assumem a gestão do cotidiano, do supermercado à saúde.



Takeaways

DADOS, CONFIANÇA E NOVO PAPEL DAS MARCAS

A sétima inovação é o uso de dados proprietários como ativo estratégico. Marcas que não constroem relação direta com o consumidor perdem relevância para plataformas intermediárias.

A oitava é a ascensão da confiança algorítmica. Consumidores passam a confiar mais em sistemas do que em publicidade tradicional.

A nona é a redefinição do papel das marcas: menos persuasoras, mais orquestradoras de valor.

A décima é a transformação do marketing em arquitetura de decisão, não apenas comunicação.

O consumo deixa de ser convencido. Ele passa a ser projetado.



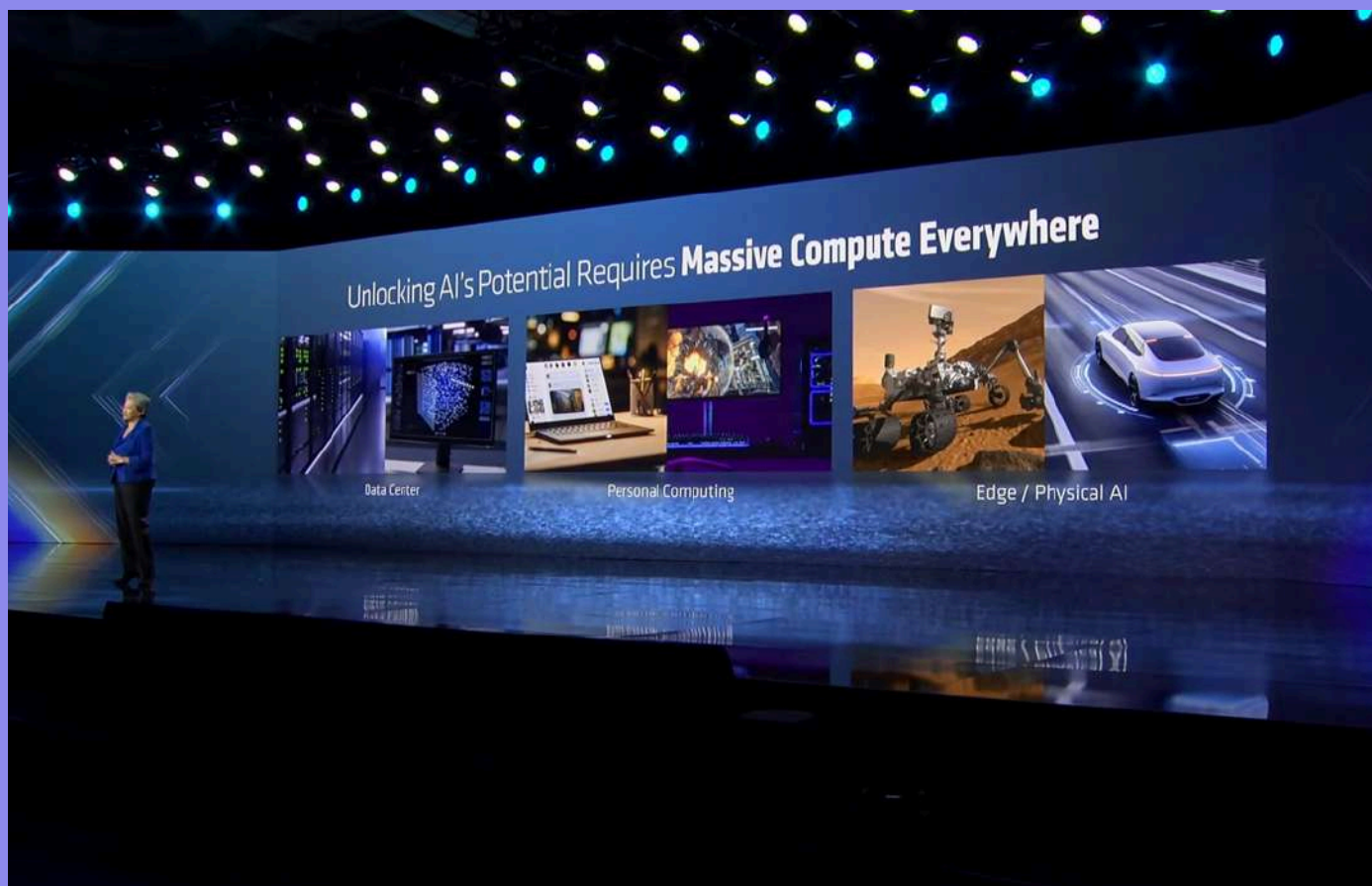
O FIM DA ESCOLHA INFINITA



A abundância deixa de ser sinônimo de valor. O excesso de opções gera ansiedade, não satisfação.

A CES 2026 mostra um movimento claro em direção à curadoria algorítmica, confiança e relevância.

O futuro do consumo é menos sobre variedade e mais sobre clareza.



BIG TECHS NA CES 2026

As grandes empresas de tecnologia adotam um tom mais pragmático. O discurso é menos futurista e mais operacional.

Há consciência de escala, impacto e responsabilidade. A inovação precisa funcionar no mundo real.

A maturidade substitui o deslumbramento.

Nvidia

- IA como infraestrutura do mundo
- Chips como poder geopolítico
- Computação como commodity estratégica

Samsung

- Casa conectada como sistema
- Integração entre dispositivos, dados e experiência
- Vida cotidiana como plataforma

Outras Big Techs

- Menos promessas
- Mais responsabilidade sistêmica



O que observar nos keynotes oficiais

A lista oficial de keynotes de 2026 traz lideranças de tecnologia e indústrias tradicionais (Siemens, AMD, Caterpillar, Oura, CTA), reforçando um ponto: IA já não é tema de “software”. É tema de produtividade, indústria, saúde e operação.

Leitura IFTMRW: 2026 é o ano em que empresas “não-tech” passam a falar como tech — e vice-versa. Transformação digital vira transformação operacional assistida por IA.



NVIDIA: IA como infraestrutura (autonomia, simulação, indústria)

A presença da NVIDIA em CES 2026 reforça uma tese: a camada de computação para IA (chips, modelos, toolchains e parcerias) está se tornando o centro gravitacional do evento. Jensen Huang aparece em programação ligada ao ecossistema, inclusive no contexto de keynote com a Lenovo.

Leitura IFTMRW: o “produto” da NVIDIA é menos uma GPU e mais um padrão de execução. Quando a empresa define o que é possível em autonomia, simulação e edge AI, ela define o espaço de design para dezenas de indústrias: mobilidade, manufatura, saúde, varejo e logística.

O que isso sinaliza para 2026

- A disputa por IA está virando disputa por infraestrutura: compute, eficiência, distribuição e parcerias.
- Autonomia volta ao centro com mais realismo: menos “demonstração”, mais stack, integração e cadeia.
- O futuro do consumo passa a ser condicionado pela maturidade da indústria (chips, sensores, supply chain).

Pergunta estratégica: sua empresa está construindo “features de IA” ou está se posicionando dentro de um ecossistema de execução (parceiros, padrões, dados, integrações)?



Samsung | Quando a Casa se Torna um Sistema de Contexto Vivo

No evento The First Look, a Samsung apresentou a visão “Your Companion to AI Living”, posicionando IA como fundação que conecta P&D, desenvolvimento de produtos, operações e experiência do usuário.

Leitura IFTMRW: isso é uma tentativa de escapar do destino “app-centrado”. A casa vira um grafo de contextos (rotinas, energia, segurança, saúde), e a IA vira motor de coordenação. Esse tipo de proposta exige três ativos difíceis:

1. Sensores distribuídos (para transformar vida em sinais)
2. Continuidade entre dispositivos (para transformar sinais em contexto)
3. Governança de dados (para transformar contexto em confiança)

O desafio real não é fazer a TV “conversar”. É fazer o sistema decidir quando não conversar. Em inteligência ambiental, o silêncio pode ser a feature mais sofisticada.

O sinal: Samsung enquadra a casa como ambiente de “companheiros de IA”, com IA permeando experiência e serviços.

Por que importa: quando a casa vira sistema, o valor migra para integração e governança. Quem controla o roteamento de intenções controla compras, energia, conteúdo e serviços.

Implicações 2026

- Parcerias deixam de ser opcionais: interoperabilidade vira vantagem competitiva.
- Privacidade vira requisito de produto (não “nota de rodapé”).

Modelos recorrentes se fortalecem: bundles, assinaturas, manutenção.



Lenovo/Qira: o “ambient intelligence layer” e o retorno do PC como nó seguro

A Lenovo apresentou a plataforma Qira, descrita como “Personal Ambient Intelligence”: um superagente atravessando dispositivos, com ambição de operar com modelos de terceiros.

Em paralelo, a fala do CEO reforça uma projeção agressiva: até o fim de 2026, cerca de 50% dos PCs corporativos podem ser “AI PCs”.

Leitura IFTMRW: o PC volta a ser central por três razões:

- Edge/local para dados sensíveis
- Hub de identidades e permissões
- Terminal de trabalho com contexto em ambientes corporativos

A batalha de 2026 não é “qual assistente é mais simpático”. É “quem controla a camada de orquestração com segurança e auditabilidade”.

RESPONSABILIDADE SISTÊMICA



Ao operarem sistemas essenciais, as Big Techs assumem papel político. Suas decisões moldam mercados e sociedades.

A CES 2026 reforça a expectativa por transparência, ética e governança.

Tecnologia deixa de ser apenas negócio e passa a ser compromisso público.

A CES 2026 também explicita conflitos:

- Automação vs. emprego
- IA vs. autonomia humana
- Inovação vs. regulação
- Eficiência vs. desigualdade

O futuro não será decidido apenas por engenheiros, mas por **valores**.

O NOVO CONTRATO COM O CONSUMIDOR



Confiança torna-se o ativo mais valioso. Consumidores esperam clareza sobre uso de dados, decisões algorítmicas e impactos reais. Marcas que não compreenderem esse novo contrato perderão relevância.

O futuro do consumo é relacional, não transacional.

Em meio a tanta tecnologia, a CES 2026 reforça uma verdade paradoxal:

Quanto mais avançamos tecnologicamente, mais central se torna o humano.

Empatia, ética, criatividade e senso crítico emergem como:

- Diferenciais competitivos
- Ativos culturais
- Critérios de decisão

O FUTURO EM DISPUTA

A CES 2026 explicita tensões inevitáveis. Automação versus emprego. Eficiência versus desigualdade. Inovação versus exclusão.

Não há consenso, mas há urgência. O futuro não será neutro.

Cada escolha tecnológica carrega consequências sociais.

TECNOLOGIA NÃO É NEUTRA

Algoritmos refletem valores, vieses e prioridades humanas. Decisões aparentemente técnicas têm impacto cultural profundo.

A CES 2026 convida à maturidade crítica. Inovar exige responsabilidade ética.

Ignorar isso é abdicar do futuro.



REGULAÇÃO E LIMITES

Governos enfrentam o desafio de regular sem sufocar. A ausência de regras gera riscos. O excesso gera atraso.

A CES mostra que o equilíbrio entre inovação e proteção será decisivo na próxima década.

Regulação passa a ser parte da estratégia.



O HUMANO COMO DIFERENCIAL

Quanto mais sistemas automatizam processos, mais o humano se torna valioso. Criatividade, empatia e julgamento ético não escalam facilmente.

A CES 2026 reforça que tecnologia amplia o humano — não o substitui por completo.

O diferencial competitivo é cultural.



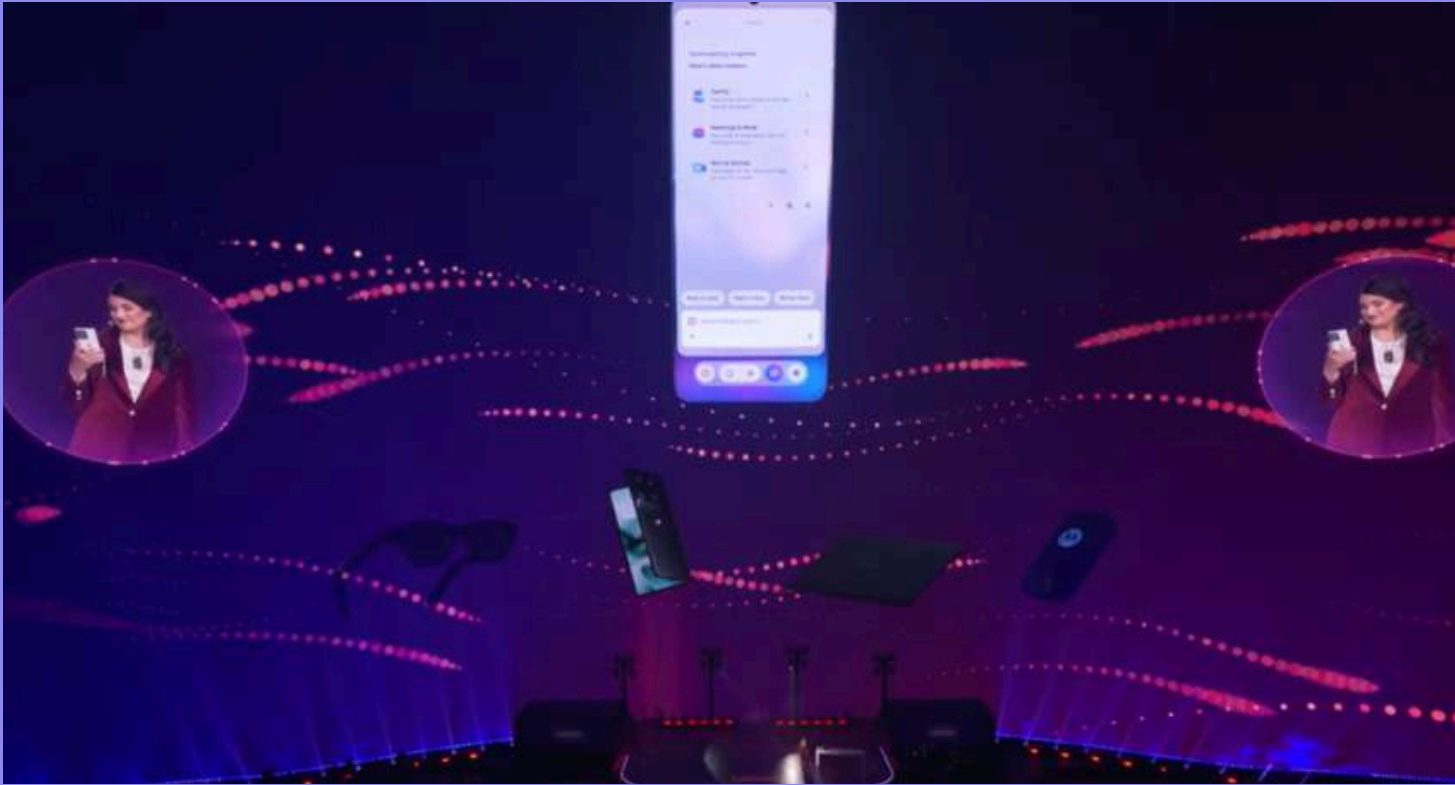
CULTURA COMO INFRAESTRUTURA

Cultura molda o uso da tecnologia. Valores definem limites invisíveis.

Empresas e sociedades que ignorarem essa dimensão enfrentarão resistência, rejeição e colapsos simbólicos.

O futuro é tão cultural quanto tecnológico.

Implicações estratégicas



Para CEOs e conselhos: arquitetura e governança

- IA como plataforma corporativa (não feature).
- Governança antes de escala (automação sem dono vira risco).
- Empresa orientada a fluxos (agentes atravessam silos).
- Ecossistemas, APIs e padrões como estratégia.

Para CMOs e Growth: do funil para o grafo

- Preparar a marca para ser “interpretável” por agentes.
- Criatividade como sistema modular (variação com consistência).
- Retail media como disciplina central e automatizável.
- Métricas novas: share-of-model, custo por decisão, taxa de delegação.

Para Produto e Tecnologia: engenharia de confiança

- Decidir onde a IA roda (edge vs cloud).
- Observabilidade e rollback como padrão de produto.
- Segurança como arquitetura (identidades e permissões).
- Desenhar para o “não” (capacidade de ficar quieto).

O FUTURO JÁ COMEÇOU



A CES 2026 não fala de um amanhã distante. Ela revela um presente em reorganização acelerada.

A tecnologia já opera como infraestrutura da vida contemporânea. Ignorar isso não é opção.



O VERDADEIRO DESAFIO

O maior desafio não é tecnológico, mas civilizacional. Não é sobre adotar ferramentas, mas sobre fazer escolhas.

Escolhas sobre poder, responsabilidade e propósito.

O futuro será consequência dessas decisões.

DESTAQUES CES 2026



Dez manifestações da IA como sistema – do corpo ao cosmos

A CES 2026 apresentou dezenas de soluções com inteligência artificial. No entanto, algumas se destacam não pelo impacto imediato, mas por materializarem vetores estruturais distintos da evolução da IA – corpo, casa, criação, consumo, economia e ciência.

Os destaques a seguir não representam “os melhores produtos”, mas os sistemas mais reveladores do momento tecnológico atual, ampliados pela análise do Institute for Tomorrow.

DESTAQUES CES 2026



Atlas — Boston Dynamics - IA incorporada ao corpo físico

O Atlas simboliza a transição da IA do ambiente digital para o mundo físico autônomo. Aqui, inteligência não é interface, mas coordenação motora, equilíbrio, adaptação espacial e resposta ao imprevisível.

Leitura estrutural: A IA deixa de “pensar” apenas — ela age, ocupa espaço e assume riscos físicos. Isso antecipa debates críticos sobre trabalho, segurança e convivência entre humanos e máquinas.



CLOiD — LG - IA como sistema operacional do ambiente doméstico

Mais do que um assistente, o CLOiD atua como orquestrador de dispositivos, contextos e rotinas. Ele observa, aprende e decide de forma contínua.

Leitura estrutural:

A casa deixa de ser “smart” e passa a ser autônoma. A IA se posiciona como infraestrutura invisível do cotidiano — confortável, mas também politicamente sensível.

DESTAQUES CES 2026



Project AVA – Razer - IA como copiloto cognitivo em ambientes de alta performance

Voltado ao universo gamer, o Project AVA opera como camada estratégica em tempo real, analisando cenários, sugerindo decisões e otimizando performance.

Leitura estrutural:

O gaming se consolida como laboratório avançado da economia da decisão assistida, antecipando modelos que migrarão para educação, trabalho e gestão.



Loona – KEYi Technology - IA afetiva e relacional

Loona não é eficiente — é expressiva. Seu valor está na interação emocional, na resposta comportamental e na criação de vínculo.

Leitura estrutural:

A CES 2026 mostra que a próxima fronteira da IA não é apenas racional, mas relacional. Isso redefine expectativas sobre companhia, solidão e presença artificial.

DESTAQUES CES 2026



Joia IA — Nirva - IA aplicada ao bem-estar e à auto-regulação

Joia IA atua como mediadora de estados mentais, rotinas emocionais e autocuidado, integrando dados, contexto e feedback contínuo.

Leitura estrutural:

A IA começa a ocupar espaços antes exclusivos da psicologia, da saúde preventiva e do cuidado subjetivo — levantando questões éticas profundas sobre dependência e autonomia.



Smart Brick — LEGO - IA como amplificadora da criatividade humana

O Smart Brick conecta o mundo físico do brincar a sistemas inteligentes que provocam, sugerem e expandem narrativas, sem substituir o criador.

Leitura estrutural:

É o contraponto cultural da CES 2026. Enquanto sistemas decidem mais, a LEGO lembra que imaginar não pode ser automatizado.

DESTAQUES CES 2026

NVIDIA Vera CPU

88 NVIDIA Custom Olympus Cores

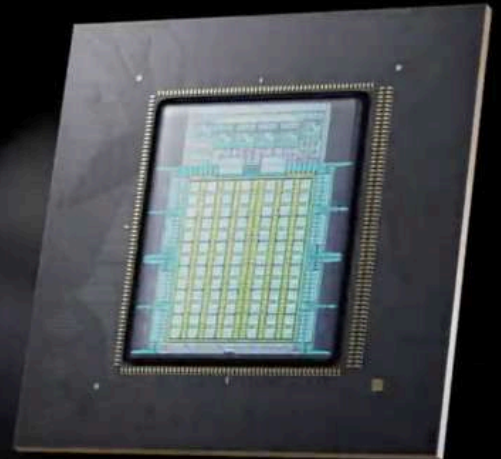
176 Threads with NVIDIA Spatial Multi-Threading

1.8 TB/s NVLink-C2C

1.5 TB System Memory (3X Grace)

1.2 TB/s LPDDR5X

227 Billion Transistors



Vera Rubin — Nvidia - IA como infraestrutura científica e cognitiva

Batizada em homenagem à astrônoma que revelou a matéria escura, a plataforma simboliza a IA como instrumento de descoberta científica em escala cósmica.

Leitura estrutural:

A IA deixa de apenas interpretar dados — ela descobre padrões que humanos jamais veriam, redefinindo ciência, pesquisa e produção de conhecimento.



Ballie — Samsung - IA como presença ambiental contínua

O Ballie evolui de “assistente simpático” para presença inteligente persistente no espaço físico. Ele observa, antecipa, aprende hábitos e age como mediador entre pessoas, dispositivos e ambientes.

Leitura estrutural:

A IA deixa de ser acionada sob demanda e passa a habitar o ambiente. Isso inaugura uma nova relação de convivência — mais fluida, mas também mais invasiva.

A casa se transforma em sistema vivo.

DESTAQUES CES 2026



Sony AI for Creators — Sony - IA como copiloto criativo profissional

A Sony apresentou avanços claros no uso de IA para produção audiovisual, música e jogos, atuando como parceira criativa — não como substituta.

A IA analisa estilo, ritmo, intenção estética e sugere caminhos técnicos e narrativos.

Leitura estrutural:

Estamos vendo a consolidação da IA como infraestrutura da indústria criativa, redefinindo autoria, workflow e escala criativa. Criar deixa de ser solitário — passa a ser coautoria humano-máquina.



Snapdragon X AI Platform — Qualcomm - IA local, pessoal e soberana

A Qualcomm destacou o avanço da IA on-device, com processamento local, baixa latência e menor dependência da nuvem.

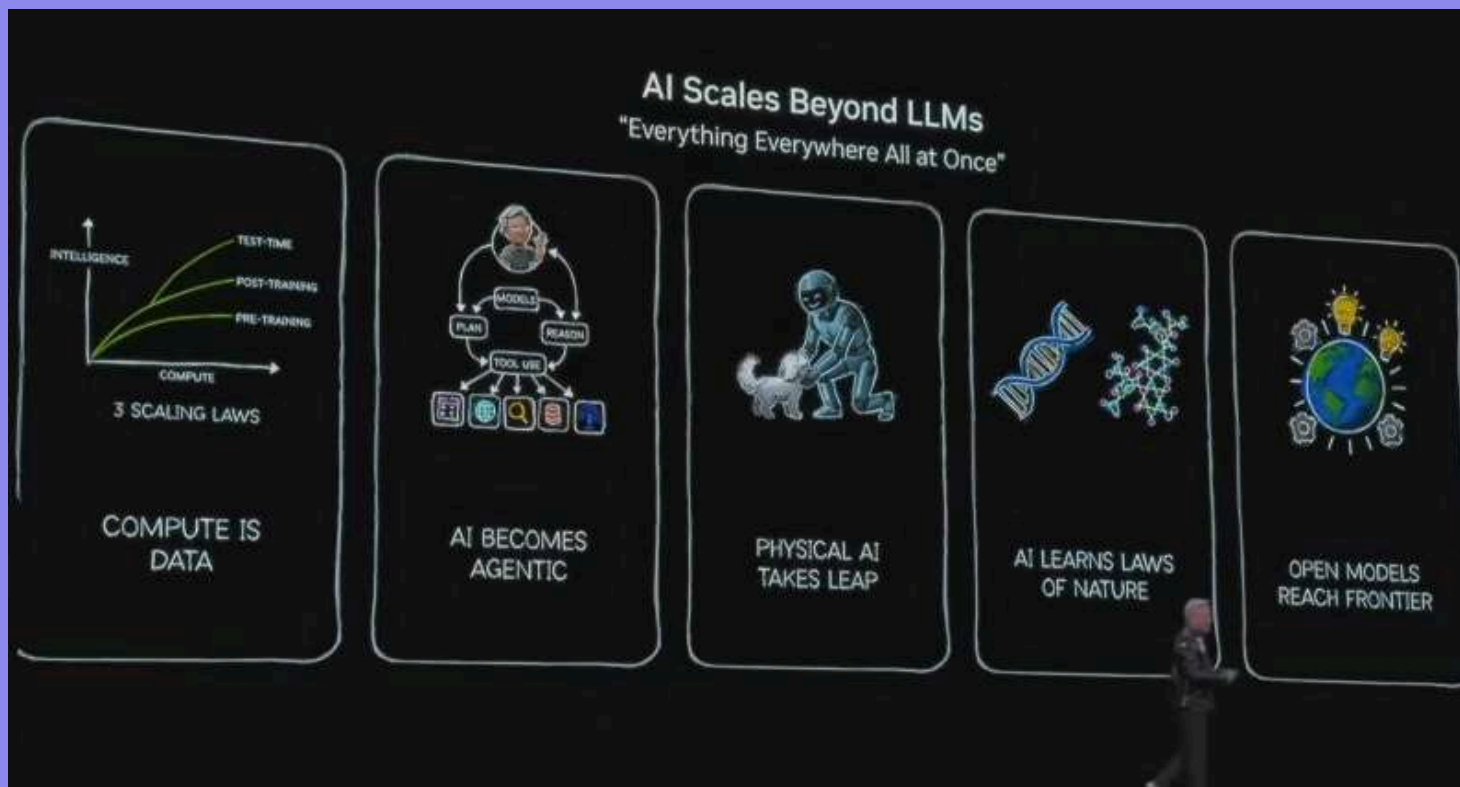
Isso muda profundamente o jogo para privacidade, custo, autonomia e personalização.

Leitura estrutural:

Surge um novo paradigma: IA pessoal, que pertence ao usuário — não à plataforma.

Menos dependência da nuvem. Mais soberania computacional.

O padrão que conecta todos esses destaques



Apesar de atuarem em domínios distintos, esses sistemas compartilham um mesmo movimento estrutural:

A IA deixa de ser ferramenta isolada e passa a operar como camada contínua de mediação entre humanos, ambientes e decisões.

Eles reforçam três teses centrais da CES 2026:

1. Menos interface, mais autonomia
2. Menos comando humano direto, mais supervisão estratégica
3. Mais impacto sistêmico do que inovação pontual

Conexão com as Tendências Estruturais 2026

Esses destaques alimentam diretamente tendências como:

- IA como infraestrutura crítica
- Economia da decisão assistida
- Human-AI coautoria
- Sistemas autônomos físicos e emocionais
- Tecnologia como força cultural, não apenas produtiva

LEGO - IA como coautora da criatividade



O ponto central da proposta da LEGO na CES 2026 está na ideia de coautoria. A IA observa padrões de criação, sugere possibilidades, reage às construções e propõe desdobramentos narrativos — sem nunca assumir o controle do processo criativo.

Diferente de sistemas que “decidem pelo usuário”, a IA da LEGO:

- Estimula exploração
- Incentiva tentativa e erro
- Reforça autonomia criativa
- Mantém o humano como autor principal

Insight Institute for Tomorrow:

O futuro da IA criativa não está em gerar resultados prontos, mas em ampliar o espaço do possível.

Um contraponto crítico à automação total

Em um evento marcado pela delegação crescente de decisões aos sistemas, a LEGO oferece um contraponto cultural poderoso: nem toda experiência deve ser otimizada. Algumas devem ser cultivadas.

Ao preservar o brincar como território de imperfeição, descoberta e construção manual, a empresa sinaliza que:

- Criatividade não é eficiência
- Aprendizado não é linear
- Imaginação não pode ser terceirizada

Esse posicionamento é especialmente relevante no debate sobre educação, infância e desenvolvimento cognitivo em um mundo cada vez mais automatizado.

LEGO como sinal fraco (mas estrutural) da CES 2026

Do ponto de vista do Institute for Tomorrow, a LEGO não é apenas um case de produto — ela funciona como um sinal fraco de alta relevância estrutural.

Ela aponta para uma tendência emergente:

IA como infraestrutura do desenvolvimento humano — e não apenas da produtividade econômica.

Isso abre discussões centrais para 2026 e além:

Como desenhar IAs que respeitem processos humanos complexos?

Como equilibrar autonomia algorítmica e formação crítica?

Qual o papel das marcas na mediação entre tecnologia e cultura?

A presença da LEGO na CES 2026 alimenta diretamente tendências como:

IA como ferramenta de amplificação humana (não substituição)

Tecnologia centrada no desenvolvimento cognitivo e criativo

Design ético de sistemas inteligentes

Revalorização da experiência física em um mundo digitalizado

Mais do que um destaque isolado, a LEGO lembra que o futuro não será definido apenas por sistemas que decidem melhor — mas por aqueles que nos ajudam a imaginar melhor.

Transformando Sinais da CES 2026 em Estratégia

Os padrões, tensões e convergências revelados na CES 2026 não são previsões distantes nem especulação tecnológica. São sinais operacionais de como consumo, trabalho, marcas e sistemas estão sendo reconfigurados agora. A CES deixa claro que o futuro não será definido por tecnologias isoladas, mas pela forma como dados, inteligência artificial, automação e confiança passam a estruturar decisões em escala.

O Institute for Tomorrow interpreta esses sinais como matéria-prima estratégica. Nosso papel é traduzir o que emerge da CES — muitas vezes de forma fragmentada ou invisível — em direcionamentos claros para líderes e organizações que precisam tomar decisões hoje com impacto de longo prazo.

Compreender esses movimentos é apenas o ponto de partida. O verdadeiro desafio está em transformar sinais em escolhas estratégicas. Por meio de workshops de futuro, projetos de consultoria estratégica e construção de cenários personalizados, apoiamos equipes de liderança a revisar pressupostos, identificar novas alavancas de valor e se preparar para disrupções que já estão em curso. Nosso trabalho é ajudar organizações a sair do modo reativo e assumir um papel ativo na construção do futuro que desejam habitar.

Se os temas e provocações deste relatório dialogam com os desafios e oportunidades da sua organização, será um prazer aprofundar essa conversa.

Entre em contato conosco para explorar como podemos colaborar na sua jornada de futuro:

iftomorrow.institute



tmrw
institute for tomorrow

THANK YOU

IFTOMORROW.INSTITUTE